

ALBERT ECKHOUT O RETRATISTA DE MAURÍCIO DE NASSAU

Leonardo Dantas SILVA
Da Fundação Joaquim Nabuco (Recife).

Quando o jovem Conde João Maurício de Nassau-Siegen, na qualidade de Governador do Brasil Holandês, deixou o porto de Texel com destino ao Brasil, em 25 de outubro de 1636, tinha em sua comitiva o navio capitânia *Zuphen* e três outras naus - *Adão e Eva*, *Senhor de Nassau*, *Pernambuco* -, trazendo sob o seu comando uma pequena guarnição de 350 soldados e uma verdadeira missão científica que ainda hoje desperta as atenções dos estudiosos daquele período.

Ao aportar no Recife, após os muitos percalços de sua viagem, em 23 de janeiro de 1637, o Conde de Nassau, então com 33 anos de idade, fazia-se acompanhar do latinista e poeta Franciscus Plante, do médico e naturalista Willem Piso, do astrônomo e naturalista Georg Marcgrave, do médico Willem van Milaenen, dos pintores Frans Post e Albert Eckhout, além de outros nomes. Durante o seu governo, pôde ainda contar com os serviços de outros nomes de relevo, como o do humanista Elias Herckmans, dos cartógrafos Cornelis Bastianszoon Golijath e Johannes Vingboons, do desenhista Gaspar Schmalkalden, do pintor amador Zacharias Wagener (este no Brasil desde 1634) e do arquiteto Pieter Post, que vieram a se integrar em datas posteriores a esta missão de cientistas.

Alemão, nascido em Dilemburgo a 17 de agosto de 1604, João Maurício era o filho primogênito do Conde João VII e de sua segunda esposa, Margarida von Holstein - Sonderburg, uma parenta da família real da Dinamarca. Fizera seus estudos humanísticos nos liceus de Basiléia, Genebra e CasseI, mas aos quinze anos teve de abandoná-los em favor da carreira das armas. Inicialmente foi mandado à casa do seu tio paterno Guilherme Luís, Conde de Nassau-Dillemburgo, *stadhouder* da Frísia e

Groninga desde 1584,¹ a fim de receber uma instrução militar e se inteirar da complicadíssima organização política dos Países Baixos, tendo para isso permanecido dois anos em Leeuwarden. Em 20 de agosto de 1621, ingressou Maurício, então com dezessete anos, no exército da União, tendo ocupado o posto inicial de alferes. Em 1625 atingiu o posto de tenente-coronel, sendo promovido, quatro anos depois, a coronel. Em 1629 distinguiu-se na conquista da cidade de Bois-le-Duc, na parte setentrional de Brabante, integrando as tropas do príncipe Frederico Henrique. Em 1632 participou da tomada de Maastricht, atual capital da província de Limburgo, e, em 1636, na retomada da praça de Schenkenschans, situada no ducado de Cleve (Alemanha). Após esse feito militar, João Maurício foi convidado, pelo Conselho dos XIX da Companhia das Índias Ocidentais, para assumir o governo civil e militar do Brasil Holandês. Para isso receberia um soldo de 1500 florins mensais, o subsídio de 6000 florins para as despesas de manutenção e 2% sobre o total das presas de guerra, além de seu ordenado de coronel do exército da União.

1. UMA CORTE EUROPÉIA NOS TRÓPICOS

Chegando ao Brasil, o Conde de Nassau procurou, de imediato, estabelecer a segurança da colônia. Reunindo um exército, com ele partiu em direção ao sul de Pernambuco, conseguindo as vitórias do Comandatuba e Porto Calvo (1637), o que obrigou o comandante das tropas luso-brasileiras, Conde de Bagnuolo, a cruzar o Rio São Francisco e retirar-se para a Bahia. Suspendendo a marcha, o Conde de Nassau firmou na margem esquerda do Rio São Francisco o limite sul da conquista estabelecendo a vila do Penedo e o forte Maurício. Consolidada a conquista, pôde o Conde

⁽¹⁾ A Frísia e a Groninga eram as províncias mais setentrionais dos Países Baixos. O cargo de *stadhouder*, palavra que ao pé da letra significa lugar-tenente, era confiado a um alto funcionário, sempre pertencente a uma família nobre, que governava a província como representante do soberano. Cada uma das sete províncias neerlandesas, formadora dos Estados-Gerais, tinha o cargo de *stadhouder*. Mesmo depois do rompimento com a Espanha (1581), a figura continuou a existir, sendo cinco deles (Holanda, Zelândia, Utrecht, Guérlia e Overijssel) pertencentes à Casa de Orange, e dois outros (Frísia e Groninga) eram alemães da Casa dos Nassaus. Não se tratava de um cargo hereditário, sendo os seus titulares nomeados para determinado período.

de Nassau, em consonância com os Altos e Secretos Conselheiros, dedicar-se à tarefa do restabelecimento econômico da colônia, procurando, de início, restaurar a indústria açucareira que, com o conseqüente abandono de alguns engenhos pelos seus proprietários luso-brasileiros, da fuga dos escravos e dos estragos da guerra, estavam em ruínas.

Com vistas à ocupação dos engenhos abandonados e confiscados pela Companhia Índias Ocidentais, abriu inscrições para os novos adquirentes, permitindo que os débitos fossem pagos a prazo; estabeleceu o crédito rural, com a ajuda dos homens de negócio da colônia e correspondentes de capitalistas holandeses e de judeus *sefardim*; e, a fim de conseguir a mão-de-obra necessária, ocupou o Forte de São Jorge da Mina, no Golfo da Guiné, em 1637, então um importante empório de escravos. Somente em 1637, quando de sua chegada, foram vendidos 44 engenhos; seis dos quais arrematados por comerciantes judeus.

Na administração de João Maurício de Nassau um surto de progresso tomou conta do Brasil Holandês, cujas fronteiras foram estabelecidas do Maranhão à foz do Rio São Francisco. O Recife, “coração dos espíritos de Pernambuco” na observação de Francisco de Brito Freyre,² veio a sofrer inúmeros melhoramentos e testemunhar vários pioneirismos, como a instalação do primeiro observatório astronômico das Américas. Uma nova cidade veio a ser construída na ilha de Antônio Vaz, onde os franciscanos haviam estabelecido em 1606 o convento de Santo Antônio. A nova urbe, projetada por Pieter Post, um dos principais representantes, ao lado de Jacob van Campen, do classicismo arquitetônico nos Países Baixos, veio a receber a denominação de *Cidade Maurícia*, em 17 dezembro de 1639, a *Maurits Stadt* dos holandeses, cujos mapas, aspectos e panorama (94x63 cm), aparecem na obra de Gaspar Barlaeus, publicada em Amsterdam (1647),³ em outras produções artísticas de sua época.

(2) FREYRE, Francisco de Brito. *Nova Lusitânia: história da guerra brasileira*. Posfácio de José Antônio Gonsalves de Mello. 2. ed. Recife: SEC; Departamento de Cultura, 1977. 588 p. il. (Coleção Pernambucana, 1ª fase, v. 5). Fac-símile de: Lisboa: Joan Galram, 1675. Inclui fac-símile da *Viagem da Armada*. Lisboa: Joan Galram, 1655.

(3) BARLAEUS, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Tradução de Cláudio Brandão; Apresentação de Leonardo Dantas Silva; Prefácio de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980. 410 p. il. 60 gravuras, reproduzidas da ed. de Amsterdam de 1647, 27 assinadas por Frans Post (1645). (Coleção Recife; v. 4).

Coube ao Conde de Nassau realizar no Recife uma verdadeira revolução no âmbito de sua paisagem urbana. Ao seu tempo foi construído o palácio de Friburgo (*Vrijburg*), também conhecido como Palácio das Torres, e a casa da Boa Vista (1643). Foi ele responsável pela instalação do primeiro observatório astronômico das Américas, no qual Georg Marcgrave fez as suas anotações acerca do eclipse solar de 13 de novembro de 1640 (Barlaeus). No seu tempo foi erguido o templo dos calvinistas franceses, obedecendo ao traço de Pieter Post, sendo implantado o calçamento de algumas ruas e o saneamento urbano, além da construção de três pontes em grandes dimensões; a primeira ligando o Recife à Cidade Maurícia (a nova cidade erguida na ilha de Antônio Vaz), inaugurada em 28 de fevereiro de 1644, uma segunda, ligando esta ilha ao continente, e uma terceira sobre o rio dos Afogados.

Ainda no seu governo, o Conde João Maurício de Nassau fez plantar ao lado do seu palácio, em 1642, um grande jardim recreio, para o qual foram transportados árvores frutíferas e coqueiros já adultos, dispondo também de alguns animais provenientes das mais diferentes partes, inclusive da África. Esse primeiro zôo botânico das Américas veio servir de “laboratório” a membros de sua comitiva, notadamente o médico Willem Piso (1611-1678), o botânico, também cartógrafo e astrônomo, Georg Marcgrave (1610-1644) e o artista Albert Eckhout.

2. AS PRIMEIRAS IMAGENS DA AMÉRICA

Para registrar as realizações do seu governo, preservar em tela a paisagem e a topografia da conquista, bem como os feitos militares e a arquitetura militar e civil do Brasil Holandês, o Conde de Nassau contou com os serviços do pintor de Haarlem, Frans Post (1612-1680). Para documentar a natureza, contou com o traço seguro de Albert Eckhout (c.1610 - c.1665), pintor natural da Groninga, encarregado de retratar figuras de nativos, habitantes do Brasil e originários da África, vegetais, animais, naturezas-mortas e outros trabalhos destinados mais à divulgação científica do que propriamente para a decoração de ambientes.

Em carta dirigida ao rei Luís XIV, quando da oferta de seus “presentes brasileiros”, João Maurício de Nassau afirma ter contado,

durante sua estada em terras brasileiras, com os serviços de seis pintores. Tal lista seria encabeçada pelos pintores Frans Post e Albert Eckhout, seguindo-se de Zacarias Wagener (alemão de Dresden, servindo no Brasil desde 1634), do cartógrafo e também astrônomo Georg Marcgrav, de mais um outro cartógrafo Cornelis Golijath ou Jan Vingboons (este ao que parece nunca veio ao Brasil), ficando como sexto nome o do aventureiro alemão Gaspar Schmalkalden, cujo *Diário de Viagem* (1642-1645), reunindo 128 mapas, aquarelas e desenhos do Brasil, hoje se conserva na Landsbibliothek da cidade de Gota (Alemanha).⁴

O mais conhecido dos seus pintores, Frans Post, tornou-se o pioneiro no registro da paisagem em terras da América, o primeiro pintor acadêmico a documentar em cores o panorama brasileiro, registrando também alguns cenários da África. De sua produção intensa, são hoje conhecidos pouco mais de 160 trabalhos.

Nasceu Frans Janszoon Post na cidade de Haarlem, Holanda, em 1612, sendo filho do pintor de vitrais Jan Janszoon Post e de sua mulher Francyntie Peters, cujo casamento aconteceu em 1604, sendo ambos naturais de Leiden.

Era Frans o terceiro filho do casal, que tinha por primogênito Pieter Post, nascido em Haarlem em 1608, seguindo-se de Anthoni, nascido em 1610, e Johana, a caçula, nascida em 1614, pouco antes do falecimento do chefe da família: Jan Janszoon Post.

Órfão de pai aos dois anos, tendo sua mãe se casado com Harman van Warden em 1620, de quem logo depois se separa, o menino Frans tem no irmão Pieter o seu primeiro mestre.

Pouco se sabe de sua formação acadêmica, tão-somente que se criou na cidade de Haarlem, uma das mais prósperas da província, Flandres, célebre por suas corporações de artistas.

Pieter Post (1608-1669), o mais velho dos irmãos, vem a ser discípulo do grande Van Campen, um dos mais renomados arquitetos do seu tempo, responsável pela construção da *Mauritshuis* (Casa de

⁽⁴⁾ *Brasil Holandês - A viagem de Caspar Schmalkalden de Amsterdã para Pernambuco no Brasil*. Editores Cristina Ferrão e José Paulo Monteiro Soares. Transcrição e tradução Álvaro Alfredo Bragança; organização científica por Dante Martins Teixeira. Rio de Janeiro: Index, 1998.

Maurício), na Haia, e freqüentador da corte do Príncipe Frederico Henrique. Através dele é o jovem Frans apresentado ao Conde de Nassau, recém-nomeado Governador do Brasil Holandês, que o convida para acompanhá-lo em sua nova missão.

No Brasil, o jovem pintor tornou-se a memória visual do governador, transformando-se numa espécie de cronista da paisagem. Para isso acompanhou o Conde de Nassau em todas as suas viagens e campanhas militares, chegando até a registrar incursões de esquadras enviadas do Recife para a tomada das cidades de São Jorge da Mina, Forte Nassau, São Paulo de Luanda e ilha de São Tomé, na África.

Por sua vez, ao irmão mais velho do pintor, o arquiteto Pieter Jansz Post, que trabalhava com Jacob van Campen na construção da Mauritshuis em Haia, é atribuído o traçado urbano da Cidade Maurícia, bem como o projeto de alguns empreendimentos desenvolvidos pelo Conde de Nassau no Brasil, a saber: o Palácio de Friburgo, denominado pelos portugueses de Palácio das Torres; a Casa da Boa Vista; a Igreja dos Calvinistas Franceses, “uma réplica em ponto pequeno da Catedral de Haarlem”.

O traçado urbano da Cidade Maurícia (*Mauritsstadt*), vem detalhado no mapa de Cornelis Bastianszoon Golijath, *Mauritiopolis, Reciffa et circvm iacentia castra*, publicado no livro de Gaspar Barleus (nº 40).⁵

Segundo Joaquim de Souza Leão, “não há documento que ligue o nome de Pieter a Friburgo, mas a semelhança da disposição do palácio - um corpo central e duas alas laterais unidas por galeria - como Vredenburg e Honsholredijk, dois principais edifícios de sua autoria, autorizam a suposição. Também a casa da Boa Vista revela as características do seu estilo. Basta confrontá-la com várias de suas obras e sobretudo com o pavilhão existente no parque do Príncipe João Maurício, em Siegen: o mesmo bloco quadrado com o mirante no alto da cumeeira,

⁽⁵⁾ BARLAEI, Casparis. *Rerum Per Octenium in Brasilia Et alibi nuper gestarum, sub Praefectura Illustrissimi Comitis I. Mavritti, Nassoviae, etc. Comitis, nunc vesaliae Gubernatoris & Equittatus Foederatorum Belgii. Ordd, sub Auriaco Ductoris, Historia*. Amsterdam: Joannis Blaeu, 1647. 46 x 29 cm. 340 p., 56 gravuras desdobráveis. Retrato de João Maurício Conde de Nassau, gravado por Th. Matham.

típico, aliás, da arquitetura do século XVII. [Gerard] Blok, no entanto, não considerou tais analogias suficiente evidência para enumerar quaisquer desses edifícios entre as obras de Pieter Post.”⁶

As suspeitas de Sousa Leão têm fundamento e encontram respaldo documental. O arquiteto Pieter Post esteve também no Recife durante o Governo do Conde de Nassau. A informação é confirmada por José Antônio Gonsalves de Mello que, quando de suas pesquisas em arquivos dos Países Baixos (1957-1958), encontrou no Arquivo Geral do Reino (*Algemeen Rijksarchief*), na Haia, no Cartório da Companhia das Índias Ocidentais (Companhia Velha), maço nº 54, uma lista de compradores em um leilão de escravos realizado no Recife, em data de 5 de maio de 1639, na qual o “Senhor Pieter Janssen Post [adquire] dois escravos para seu serviço” (*Heer Pieter, Janssen Post tot zijn dienst*).⁷

Ao contrário de Pieter Post, o seu irmão Frans Post é constante na documentação da época, chegando a privar da lista de comensais do Conde de Nassau, no Palácio de Friburgo, em 1º de abril de 1643. Segundo revela José Antônio Gonsalves de Mello: “ao todo 46 pessoas das quais 19 com empregados. Entre elas: Frans Plante, o doutor Piso, três fidalgos não identificados, Albert Eckhout e Frans Post, ‘pintores, ambos com criados’, o cartógrafo Georg Marcgrave, também com criado, etc.”⁸

3. ECKHOUT, O RETRATISTA FIEL

Se a biografia de Frans Post é por demais conhecida, o mesmo não podemos afirmar de Albert Eckhout, que logo se tomou no mais

⁽⁶⁾ BLOK, Gerard A. C., *Baumeister der Prinzen von Oranien und des Fürsten Johann Moritz von Nassau-Siegen*. Siegen, 1637; SOUSA-LEÃO, Filho. Joaquim. *Frans Post*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1948. p. 30.

⁽⁷⁾ MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo de Jornal*. Apresentação e organização Leonardo Dantas Silva. Recife: FUNDAJ; Ed. Massangana, 1998. p. 183.

⁽⁸⁾ MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do Norte do Brasil*. Prefácio de Gilberto Freyre. 2. ed. Recife: SEC, Departamento de Cultura, 1978. (Coleção Pernambucana; 1ª fase, v. 15). Inclui bibliografia e índice onomástico. p. 105, nota 242.

preciso documentarista daquele grupo de artistas. Foi ele o responsável pelos retratos, em tamanho natural, dos primitivos habitantes do Brasil, documentados de forma bem realista e pouco alegórica, como até então havia sido feita. Sobre este particular, assevera Svetlana Alpers, que “um retrato de Eckhout constitui uma etnografia ou mapa humano”.⁹

Natural da Groninga (Holanda), era filho do corretor de imóveis Albert Eckhout e de sua mulher Marryen Roeleffs, casados naquela cidade em 16 de outubro de 1606. Tomando o mesmo nome do seu genitor, Albert Eckhout nascera possivelmente em 1610, tendo sido iniciado na pintura de cavalete, segundo parece, por um irmão de sua mãe, Gheert Roeleffs, apontado como pintor (*schilder*).

Por intermédio Jacob van Campen, arquiteto encarregado da construção da *Mauritshuis*, na Haia, ou mesmo de seu colega Pieter Post, foi Eckhout apresentado a João Maurício de Nassau que se encontrava de partida para o Brasil. Por sete anos (1637-1644) esteve ele em terras do Brasil, a serviço do Conde de Nassau, período em que desenvolveu uma intensa atividade, como documentarista da flora e da fauna e pintor de tipos humanos habitantes do Brasil e/ou procedentes de regiões da África.

Ao retomar aos Países Baixos, na mesma comitiva que trouxe de volta o Conde de Nassau, em 11 de maio de 1644, Albert Eckhout vem a fixar residência na Groninga. Nesta cidade, casa-se com Anne Jansen Wigbold, transferindo-se em seguida para Amersfoort, a leste de Amsterdam. Nesta última cidade, nasceram os seus filhos Maria Mauritia (homenagem ao seu benfeitor), em 25 de junho de 1648, seguindo-se de Albert, em 19 de agosto de 1649, e Geertryd, em 17 de outubro de 1652. Da prole, somente esta atingiu a idade adulta.

Por recomendação de João Maurício, Conde de Nassau, transfere-se em 1653 para Dresden, onde passa a trabalhar como pintor na corte de Johan Georg II, atividade que ocupa seu tempo pelos próximos dez anos. Em 1663, muda-se para Groninga e lá, entre os fins de 1665 e princípios de 1666, vem a falecer.

Da produção de Albert Eckhout em terras brasileiras, destaca-se o conjunto de 24 pinturas conservadas no Departamento de

⁽⁹⁾ ALPERS, Svetlana. *A arte de descrever*. São Paulo: Edusp, 1999. p. 309.

Etnografia do Museu Nacional da Dinamarca, originária de um conjunto de 26 quadros ofertados, em 13 de julho de 1654, por João Maurício de Nassau ao seu primo Frederico III. Do conjunto destacam-se oito grandes painéis, pintados a óleo sobre lona, alguns deles assinados e datados do Brasil: *Índia Tarairiu ou Tapuia* (264x159 cm), *Índio Tarairiu ou Tapuia* (266x159 cm), *Mulher Tupi com criança* (265x157 cm), *Índio Tupi*, datado do Brasil 1643 (269x170 cm), *Mameluca* (269x170 cm), *Mulato* (268x165 cm), *Negra com criança* (270x180 cm) e *Guerreiro Negro* (264X162 cm), estas duas últimas com data do Brasil, 1641. Seguem-se, da preciosa coleção, oito quadros em tamanhos menores: *Retrato de Dom Miguel de Castro*, enviado do Conde de Sonho (Angola) ao Conde de Nassau em 1643 (73x62 cm), complementado por dois quadros menores retratando os pajens daquela comitiva. Do mesmo acervo, embora sem assinatura do artista, encontra-se uma coletânea de 12 naturezas mortas (90x90 cm) com composições de frutos, flores e raízes de espécimes da flora pernambucana. De todo o conjunto, porém, o que mais chama a atenção do espectador é a *Dança Tarairiu* (Tapuias), quer pela sua dimensão (óleo sobre lona, 168x294 cm), quer pelos movimentos de que estão possuídos os seus figurantes, sendo por isso considerado o mais importante trabalho de Albert Eckhout.

Quem pela primeira vez chamou a atenção para esse acervo inestimável, escondido no Departamento de Etnografia do Museu de Copenhague, foi D. Pedro II, imperador do Brasil, quando de sua visita à Dinamarca em 1876. A pedido daquele monarca foram realizadas seis cópias dos tipos humanos em menor tamanho (67x48 cm), pelo pintor Niels Aagaard Lützen, depois ofertadas ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro), onde hoje se encontram.

Além do conjunto do Museu Nacional da Dinamarca, pouco se conhece da obra de Albert Eckhout. Do seu traço restaram ainda um conjunto de sete volumes, contendo pinturas em papel e desenhos, que foram doados (ou vendidos), por João Maurício de Nassau, em 1652, a Frederico Guilherme, Eleitor de Brademburgo, que em troca lhe concedeu a *Ordem do Elefante*. O conjunto, chamado de *Libri Pictuari*, foi por três séculos conservado na Biblioteca Estadual Preussische (Berlim), mas, com a Segunda Guerra Mundial, veio a ser transferido para Polônia, onde o pesquisador P. J. P. Whitehead o localizou em 1979, fazendo parte do acervo da Biblioteca Jaguelônica de Cracóvia.

Trata-se de desenhos e esboços a óleo, nos quais são estudados nativos da América (inclusive do Chile) e da África, animais, plantas e frutos. Do conjunto, despertam interesse dos pesquisadores os originais do *Theatrum rerum naturalium Brasiliae*. Esta coleção de desenhos policromados, em sua maioria, de autoria dos artistas da comitiva do Conde de Nassau, enfocando elementos de história natural, é formada por 417 desenhos, em sua maioria aquarelados, retratando animais aquáticos, aves, mamíferos, répteis, insetos, aranhas, plantas, flores, frutos e catorze figuras humanas. Aos quatro volumes do *Theatrum*, sob os títulos, *Icones Aquatiliium*, *Icones Volatiliium*, *Icones Animalium* e *Icones Vegetabilium*, somam-se dois outros, conhecidos como “Manuais”, com desenhos (peixes, aves, animais) atribuídos a Georg Marcgrave, e um terceiro, *Miscellanea Cleyeri*, com seus desenhos (pessoas, animais, aves e plantas) atribuídos a Albert Eckhout. Sobre o tema, Elly de Vries (que anteriormente assinava Petronella Albertin) publicou sua tese de mestrado em História da Arte, apresentada junto à Vrije Universiteit Amsterdam (1981), sob o título: “Arte e Ciência no Brasil Holandês. *Theatri Rerum Naturalium Brasiliae: Um estudo dos desenhos*”.¹⁰

4. JOÃO MAURÍCIO, O BRASILEIRO

A estada do Conde João Maurício de Nassau em terras brasileiras prolonga-se até maio de 1644, tempo bastante para uma impressionante produção científica e artística dos membros de sua missão. Ao retornar aos Países Baixos, após sete anos em terras brasileiras, contratou o conhecido humanista Gaspar van Baerle ou, como veio a ser conhecido, Gaspar Barlaeus (1584-1648), professor do “Athaeneum Illustre” de Amsterdam, para escrever na Holanda a história dos oito anos do seu governo no Brasil.

⁽¹⁰⁾ ALBERTIN-DE VRIES, Petronella. “Arte e ciência no Brasil holandês. *Theatri Rerum Naturalium Brasiliae: um estudo dos desenhos*”. *Revista Brasileira de Zoologia*. São Paulo, Sociedade Brasileira de Zoologia, 1985, p. 250-322. Algumas dessas pranchas, pintadas a óleo, bem como desenhos a lápis e creiom, foram publicadas por WHITEHEAD, P. J. P., BOESEMANN, M. *Um retrato do Brasil Holandês no século XVII*, tradução Edmard Jorge. Rio de Janeiro. Kosmos, 1989. p. 236-247.

Para a realização do seu intento, João Maurício franqueou seus arquivos, e o restante da documentação foi coletado entre as pessoas que estiveram no Brasil, entre as quais o judeu português Gaspar Dias Ferreira, amigo pessoal do conde. Nada foi poupado em favor da bela edição, que aparece impressa em Amsterdam em 1647 com o título *Casparis Barlaei - Rerum Per Octenium in Brasilia Et alibi nuper gestarum, Sub Praefectura Illustrissimi Comitis I. Mavritii Nassoviae* etc. Impresso na tipografia de Joannis Blaeu, no formato 46x29cm, trazendo como folha de rosto uma bem elaborada gravura e um retrato do conde assinado por Theodoro Matham (1605-1660), o livro é composto de 340 p., com 56 gravuras impressas em papel especial, das quais 24 são mapas e plantas de sítios e fortificações; as 31 restantes são cenas da frota holandesa, combates navais, paisagens e vistas marinhas; 27 levam a assinatura de F. Post e 15 datam de 1645. Estas gravuras teriam sido executadas em lâminas de cobre por Jan Brooster-huisen (c 1596-1650) ou pelo próprio Frans Post, muito embora alguns autores lembrem o nome de Salomon Savery, a quem foram confiadas as gravações das batalhas navais. O conjunto de mapas é de autoria de Georg Marcgrave e o de nº 40, no qual aparece o Recife e seus arredores em 1644, parece ser obra do conhecido cartógrafo Cornelis B. Golijath.

A obra foi publicada inicialmente em latim (1647), sendo depois traduzida para o alemão (1659) e, na sua integridade, para o holandês (1923); nesta última por Samuel Pierre L'Honoré Naber, numa tiragem reduzida de 160 exemplares. No Brasil, a obra foi traduzida para o português pelo Prof. Cláudio Brandão, em 1940, tendo o Ministério da Educação a publicado em duas apresentações, a primeira com 45,5x31,5 cm, com as reproduções da edição original em zinco-gravura, e outra em menor tamanho sem ilustrações.

Exemplares de sua primeira edição foram presenteados, na época, por João Maurício a diversas personalidades das cortes européias. As encadernações originais foram elaboradas em pergaminho, com ilustrações feitas por gravuras em cobre, existindo, ainda, cópias com gravações em ouro e outras que vieram a ser aquareladas em datas posteriores. Uma dessas edições especiais foi presenteadas a D. João IV pelo embaixador de Portugal na Holanda, Francisco de Souza Coutinho, na época do seu lançamento em 1647. O exemplar, pertencente à Biblioteca

Real, veio para o Brasil em 1808, com a transferência da Família Real portuguesa, e hoje integra o acervo da Biblioteca Nacional.

Por ocasião do transcurso do terceiro centenário do falecimento de João Maurício de Nassau-Siegen, a Prefeitura da Cidade do Recife fez publicar, em 1979, uma nova edição do livro de Gaspar Barleus, em tamanho de um oitavo, com as ilustrações tiradas diretamente da edição de 1647 e reproduzidas em papel couchê textura pelo sistema off-set.

A produção científica de Willem Piso (1611-1678) e de Georg Marcgrave (1610-1644), aparece em 1648 quando da publicação da obra *Historia naturalis Brasiliae, Auspicio et Beneficio Illustriss. I. Mauritii Com. Nassau illius Provinciae et Maris summi Praefecti adornata etc.*,¹¹ na qual são publicados 429 desenhos, em grande parte retratando a flora e a fauna, bem como nativos, do Nordeste do Brasil, impressa em Amsterdam, no formato 38x35 cm, por Elzevir. A edição contou com a colaboração de Joannes de Laet, autor de *L'Histoire du Nouveau Monde ou Description des Indes Occidentales [...]*, impressa em Leiden em 1640, que a pedido do Conde João Maurício de Nassau, se encarregou da compilação e tradução das notas de Georg Marcgrave prematuramente falecido na África (1644). Em sua primeira edição, o livro reúne ilustrações de autoria dos pintores da comitiva de Nassau e algumas xilogravuras do próprio Marcgrave, sendo aberto por uma folha de rosto magnificamente ilustrada por Theodoro Matham. Assinada por dois autores, tem os quatro primeiros livros de autoria de Willem Piso, *De Medicina Brasiliensi*, e os oito restantes de autoria de Georg Marcgrave, *História rerum naturalium Brasiliae*, os quais foram compilados e anotados por Joannes de Laet. Os oito Livros finais tratam, os três primeiros de botânica, o quarto sobre peixes, o quinto sobre pássaros, o sexto sobre quadrúpedes e serpentes, o sétimo sobre insetos e o oitavo (escrito por Joannes de Laet) descreve a região do Nordeste do Brasil e seus habitantes. Esta última parte é de raro valor etnográfico e lingüístico, sendo utilizada na sua elaboração notas de Jacob Rabbi, notável intérprete a serviço dos holandeses, e o extenso vocabulário tupi compilado pelo padre José de Anchieta.

Alegando imperfeições na primeira edição, Willem Piso promoveu uma segunda em 1658, *De Indiae Utrisque re naturali et*

(11) PISO, Willem; MARCGRAVE, e. *Historia naturalis Brasiliae etc.* Amsterdam: Elzevirium, 1648.

medica, impressa em Amsterdam, nas oficinas de Ludovicum et Danielelem Elzevirios, no formato 36x22 cm. A obra compreende seis livros do próprio Piso, reunidos sob o subtítulo *Historiae naturalis et medicae Indiae Occidentalis*, 332 p.; *Tractatus topographicus et metereologicus Brasiliae, cum Observatione Eclipsis Solaris*, 39., de autoria de Georg Marcgrave; *Historiae naturalis et medicae Indiae Orientalis*, 160 p., de autoria de Jacobi Bonti e um estudo sobre a *Mantissima aromatica*, do próprio Piso. Esta edição é aberta por uma notável folha de rosto, gravada em lâmina de cobre provavelmente por Theodoro Matham, a qual se sucedem cinco páginas sem numeração. Os originais da obra encontram-se na Biblioteca Albertina, em Viena, sendo as duas edições ainda hoje muito consultadas pelos estudiosos da matéria contida em seus capítulos.

Outro livro de rara beleza iconográfica é o poema de Franciscus Plante, *Mauritiados*, dedicado ao Conde João Maurício de Nassau, de quem era capelão. A obra datada de 1647, impressa em Amsterdam por Joannis Maire, tem o formato de 42x30 cm, 205 p., sendo ilustrada por 20 gravuras (anteriormente publicadas no livro de Gaspar Barleus), quatro mapas desdobráveis (Ceará, Pernambuco, Paraíba e ‘Pernambuco Boreal’), um retrato de João Maurício de Nassau (o mesmo do livro de Gaspar Barleus, gravado por Theodoro Matham) e outro do próprio Franciscus Plante, gravado por Jonas Suyderhoof. Já em 1872, esta obra era considerada por Fr. Mueller como um trabalho raro magnífico.

De extrema raridade é outro folheto (16 p. il.), que também leva a assinatura do reverendo Franciscus Plante, totalmente desconhecido pelos bibliógrafos e estudiosos que se dedicaram ao período holandês. Trata-se de um texto poético, com 16 páginas contendo preciosas ilustrações, sobre a tentativa da tomada da Bahia de Todos os Santos por frota comandada pelo Conde João Maurício de Nassau, publicado sob o título *Legatio Pernambucensis: sub auspiciis Illust & Excell. Herois, J. Maurittii, Nassaviae) & c. Comitiss & Brasiliae summi terra marique Imperatoris, potentem hispaniarum praelegem I. Masquerenkos, marchionem motalvensis Castellae Novae Comitum & c. feliciter in sinu omnium sanctorum (qui Bahia vulgo) [S.l.]: Ex. Officina Wilhelmi Christiani*, impresso em Leiden, na oficina de Wilhehni Christiani, em 1642. - O único exemplar conhecido desta raridade, encontra-se hoje na

biblioteca do Prof. José Antônio Gonsalves de Mello, adquirido à Livraria Kosmos (Rio de Janeiro), em 8 de março de 1973.¹²

Ainda sob o mecenato de João Maurício de Nassau foram elaborados preciosos conjuntos de mapas do Brasil Holandês e de regiões da África. Os primeiros, formados pelo conjunto de Georg Marcgrave, reaparecem em 1659 e 1667, constituindo um grande painel mural com ilustrações de Frans Post.¹³

Pernambuco veio a exercer um fascínio todo especial sobre o Conde João Maurício de Nassau, que passou a ser conhecido pelo apelido de *O Brasileiro*. Lembra José Antônio Gonsalves de Mello, em apresentação à edição recifense do livro de Gaspar Barlaeus, editada em 1979 pela Fundação de Cultura Cidade do Recife, que ao regressar à Holanda o conde levou consigo, além de um mobiliário talhado em marfim em Pernambuco, um apreciável acervo de móveis e obras-de-arte assinadas pelos artistas de sua comitiva - pintores Frans Post, Albert Eckhout, Zacarias Wagener e Gaspar Schmalkalden, cartógrafo e naturalista Georg Marcgrave, cartógrafos Cornelis Bastianszoon Golijath e Johannes Vingboons -, além de outros objetos ditos menores. Da relação de seus pertences se depreende o gosto do conde por “curiosidades” da terra pernambucana. Assim, estão relacionados entre seus objetos, toros de *jacarandá* torneados, pranchas de *pau-santo*, *pau-violeta* e diversos tipos de madeiras de lei, bem como curiosidades outras, não muito comuns para um observador europeu: *sete botijas de farinha de mandioca*, *103 barrilete de frutas confeitadas*; *quatro barris contendo conchas e seixos do Cabo de Santo Agostinho*.

Lembra ainda a mesma fonte, citando depoimento contido no livro de memórias de Sir William Temple (1628-1699), embaixador da Inglaterra junto ao Reino dos Países Baixos, “recordo o velho Príncipe João Maurício de Nassau que se tinha acostumado com as redes do Brasil e continuou a usá-las freqüentemente ao longo de sua vida, quando sofria de cálculos ou gota e era de opinião que melhorava e conseguia dormir pelo movimento e balanço dessas camas aéreas”. Em sua “cabana” de Berg und

⁽¹²⁾ *Catálogo da biblioteca de José Antônio Gonsalves de Mello*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2000. n.º 2481. - Atualmente o acervo da Biblioteca de José Antônio Gonsalves de Mello integra o Instituto Ricardo Brennand (Recife).

⁽¹³⁾ SILVA, Leonardo Dantas. *Brasil Holandês - Frans Post: os desenhos do British Museum*. Petrópolis: Ed. Index, 2000. 96 p. il.

Tal, o então Príncipe João Maurício de Nassau conservava um baú com recordações do Brasil, criava um papagaio e costumava dormir em “uma rede de pano de linho brasileiro bordado e guarnecido de amarelo”. Segundo a mesma fonte, “uma dessas redes constou do conjunto por ele oferecido ao Rei Luís XIV da França e da qual se tem notícia de que o Delfim nela se embalou”.¹⁴

No seu último ano de vida, João Maurício, já recolhido em sua propriedade nos arredores de Cleve, demonstrando saudades do Brasil, solicitou, em carta datada de 26 de junho de 1679, a intervenção do representante dos Países Baixos junto à Corte do Rei da Dinamarca, Jacob le Maire, para obter com o novo Rei Cristiano V, cópias dos 26 quadros, 23 dos quais pintados por Albert Eckhout, que ele houvera anos antes presenteado ao Rei Frederico III, genitor do novo monarca:

Vivo aqui retirado, neste lugar solitário, para, tanto quanto possível, afastar-me dos negócios civis e da guerra, em razão da minha idade. E como este sítio é pouco menos que selvagem, estou pretendendo fazer pintar nesta casa todas as nações selvagens que governei no Brasil. E recorro que há tempos envie a Sua Real Majestade) de elogiável memória, algumas pinturas daquelas nações, e me consta que por elas a Majestade agora reinante não parece ter nenhuma estima. Peço por isso a Vossa senhoria queira tomar o encargo de sondar a aludida Majestade se concordaria em abrir mão delas e mas devolver; caso contrário, se permitiria que elas fossem mandadas copiar por mim, pois delas não conservo cópias. Se Vossa Majestade conceder esse último pedido, como espero, pedirei a Vossa Senhoria queira entender-se com um bom pintor para realizar as aludidas cópias, devendo representar as figuras com um pé de altura e o mais em proporção.

⁽¹⁴⁾ MELLO, José Antônio Gonsalves de. In BESSELAAR, José Van den. *Maurício de Nassau, esse desconhecido*. “Apresentação”. Rio de Janeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa, 1982. p. 9-13.

O embaixador, por sua vez, fez ciente ao Príncipe Nassau da concordância do Rei da Dinamarca em permitir as cópias do conjunto hoje conservado no Museu Nacional de Copenhague, em carta datada de 2 de setembro de 1679, não se sabendo de qualquer resposta do interessado.¹⁵

O Príncipe João Maurício de Nassau-Siegen veio a falecer nos arredores de Cleve, na sua propriedade rural, denominada Berg und Tal, a 20 de dezembro de 1679, cercado de lembranças e recordações do Brasil.

¹⁵⁾ MELLO, José Antônio Gonsalves de. In BESSELAAR, José Van den. *Maurício de Nassau, esse desconhecido*. Ibid.